



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6129 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

Narrativas de haitianos e haitianas sobre educação: reflexões para a formação de professores(as)

Giovani Giroto - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

NARRATIVAS DE HAITIANOS E HAITIANAS SOBRE EDUCAÇÃO: REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)

Os processos migratórios modificam as pessoas em diversos sentidos, pois, ao entrar em contato com outras culturas, elas passam por desafios sociais que interferem em suas identidades e subjetividades. O não pertencimento político e/ou nacional, mesmo que temporário, gera consequências econômicas, sociais, emocionais e, até mesmo, a diáspora. O conceito de diáspora, inicialmente, tinha como definição a retirada forçada de pessoas das suas terras de origem que eram alocadas em outros territórios. Todavia, atualmente, é possível utilizar o termo “diáspora” para justificar alguém que deixa sua nação e se desloca para outro país, como o caso dos povos haitianos. Em nosso país, a Lei nº 13.445/2017 (BRASIL, 2017) assegura aos(as) imigrantes os mesmos direitos básicos de pessoas nacionais de um país, como direito ao acolhimento e educação. Todavia, isso nem sempre acontece no contexto atual brasileiro.

Nas últimas duas décadas, o Brasil teve um aumento significativo no número de imigrantes haitianos que buscam melhores condições de vida e trabalho. Desde o ano de 2010, amparado pelo Estatuto do Estrangeiro, Lei nº 6.815/1980 (BRASIL, 1980) e, posteriormente, em 2017, a partir da Lei nº 13.445/2017 (BRASIL, 2017) eles(as) foram acolhidos(as) com visto humanitário. Muitos(as) chegaram em território brasileiro com formação superior, outros(as) com ensino médio e outros(as) com escolarização incompleta. Uma das dificuldades iniciais que enfrentam é o desconhecimento da língua portuguesa e, por isso, precisam estudar cursos de língua para poderem sobreviver neste país.

O acesso à Educação Básica tem sido garantido aos(as) haitianos(as) e seus(as) filhos(as) de forma democrática quando comparado ao acesso ao ensino superior. Todavia, a inclusão ainda enfrenta muitos obstáculos. Em relação à formação de professores(as) para atender a esses(as) imigrantes, a discussão sobre esses(as) estudantes, tanto nos cursos de Pedagogia quando nas licenciaturas, ainda é muito incipiente e precária em nosso país e, em alguns casos, inexistente.

Este resumo apresentará os resultados parciais de uma dissertação de mestrado sobre narrativas desses(as) imigrantes a respeito de educação no Brasil e no Haiti. Esta pesquisa foi realizada e concluída em uma universidade pública do interior do Paraná.

O objetivo deste resumo é analisar as narrativas de haitianos e haitianas no Brasil sobre seus processos migratórios e suas concepções dos processos educativos do Brasil e do Haiti, além de discutir práticas de inclusão.

Na pesquisa do mestrado foi realizada revisão de literatura sobre educação dos(as) imigrantes haitianos(as) no Brasil, estudos das narrativas e pesquisa de campo. Pela brevidade deste resumo, serão apresentados somente os dados das narrativas dos(as) haitianos(as) sobre os processos educativos deles(as) no Brasil e no Haiti.

A pesquisa foi de caráter qualitativo (CHIZZOTI, 2003). O referencial teórico-metodológico foi a etnografia (MACEDO, 2010) e o Estudo das Narrativas a partir de Josso (2004) e Bosi (2010). A pesquisa de campo contou com inserção em diferentes contextos de vivências de haitianas e haitianos de uma cidade do interior do Paraná e foram realizadas entrevistas com três mulheres haitianas: Niara (25 anos), Ashia (25 anos) e Makini (27 anos) e dois homens haitianos: Bomani (32 anos) e Ayo (44 anos), que abordaram suas perspectivas sobre acolhida e inclusão no Estado brasileiro e sistemas educacionais.

Ao incluir o Estudo das Narrativas como metodologia, agrega-se uma alta bagagem de informação sobre determinado contexto ao qual se quer estudar, além de apropriar-se da memória e da subjetividade humana, aspectos esses tão valorizados nos estudos etnográficos como fontes de pesquisa. “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 2010, p. 68). Com isso, defende-se a validade das narrativas orais para estudos de fenômenos diversos.

Além disso, defende-se o narrar e o ouvir, por um viés sensível, propõem-se a investigar fenômenos no campo social e educacional. As narrativas têm muito a acrescentar às pesquisas, pois ao ouvir sobre alguém, ouve-se sobre um meio. O papel do pesquisador está em decifrar e vincular os fenômenos narrados com as teorias que, como foi observado, são indissociáveis, uma vez que “ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um” (JOSSO, 2004, p. 58).

Nas entrevistas com os(as) imigrantes eles (as) abordaram temas como os processos migratórios e as questões de garantia dos direitos sociais, assim como inclusão nos sistemas educacionais no Brasil. Quando perguntados(as) sobre seus processos migratórios, todos(as) os(as) entrevistados(as) relataram não ter havido nenhuma dificuldade na saída do Haiti até a chegada ao Brasil. Niara, Bomani, Makini e Ayo saíram do país de origem já portando visto brasileiro e consideram que este foi um fator que garantiu tranquilidade durante a imigração. Ashia, mesmo chegando no Brasil sem visto, também considerou que o processo de saída do Haiti não apresentou percalços. Todavia, o processo de imigração, de acordo com todos(as) os(as) imigrantes entrevistados(as), apresentou contratempos. A dificuldade com o idioma apareceu nas entrevistas como um fator expressivo. Para muitos (as), a imigração foi responsável pelo primeiro contato com o idioma do Brasil, como é o caso de Makini que declarou que “eu nunca, quando eu estava lá no Haiti, eu nunca ouvi uma palavra em português. Nunca!” (MAKINI, 2019).

De acordo com Pellizari e Roque-Faria (2017, p. 175), “neste cenário, a dificuldade daqueles que aqui chegam e que não dominam o idioma acaba por limitar e aumentar as dificuldades”. Com isso, por não conseguirem se comunicar devido ao desconhecimento da língua portuguesa do Brasil, haitianas e haitianos podem ter sido privados de muitas situações e direitos no novo território. Nesse sentido, discute-se que “o direito é o lugar daqueles que

dominam certa linguagem, o sistema de códigos de determinada sociedade, quem não possui linguagem, não possui código, não possui direitos” (SILVA, 2019, p. 117). Logo, a falta de conhecimento do idioma pode ocasionar o desconhecimento de direitos e, com isso, acarretar a não garantia de aplicação dos mesmos.

Além disso, nota-se que o problema da língua não é somente devido aos (as) haitianos(as) não terem conhecimento do idioma falado no Brasil, uma vez que muitos(as) haitianos(as) também são fluentes em línguas como o inglês e o espanhol, além do francês e crioulo. As barreiras da comunicação seriam menores caso os(as) brasileiros(as) também compreendessem e falassem essas línguas.

Ser imigrante no Brasil implica alguns desafios diários que podem ser mais intensificados em contextos de violação de direitos. Nesses casos, ações de acolhimento e inclusão têm sido importantes para prestar assistência à essas pessoas e, com isso, garantir uma vida mais digna. De acordo com Silva e Fernandes (2017, p. 51) “o fluxo recente de imigrantes para o território brasileiro gerou uma demanda de ampliação de infraestrutura para acolhimento desses imigrantes, porém, observamos que o Estado Brasileiro não possui nenhum preparo para acolher dignamente esses imigrantes”. Uma vez que, mesmo previsto em lei, o Estado não acolhe na totalidade os(as) imigrantes, algumas instituições não governamentais e até mesmo algumas organizações públicas (como escolas e universidades) passam a ofertar serviços que possibilitam alguns recursos e assistências básicas aos estrangeiros e colaborar para a inserção social desses(as) pessoas.

A questão aqui levantada é a reflexão acerca da formação docente e o papel dos(as) professores(as) no processo de inclusão em escolas, universidades e, com isso, ajuda na inserção social.

Um fator determinante para a vivência migratória é a forma como se dá a acolhida no novo país. De acordo com Niara (2018) “não sei se foi de coração ou se é só pra demonstrar... mas os brasileiros me recebem bem”. É possível que imigrantes haitianos(as) se sintam aceitos(as) no Brasil, porém, há relatos encontrados na mídia, na revisão de literatura de estudos de narrativas de imigrantes que exemplificam o contrário. Cuidar da qualidade dessas experiências é também um dever do Estado. Todavia, na prática nem sempre isso ocorre. Examina-se que a devida acolhida não se resume exclusivamente nas políticas migratórias de inclusão vigentes no momento. Ou seja, apenas conceder visto e autorizar a permanência de estrangeiros(as) no Brasil não significa boa acolhida, pois o acolhimento se faz a partir do momento que é possível identificar que haitianos e haitianas residentes das cidades brasileiras desfrutam de uma vida digna e de condições favoráveis de permanência no país.

O que tem ocorrido é que muitos(as) imigrantes têm tido seus direitos violados devido à instabilidade financeira, dificuldades com a nova língua, separação familiar e pouca previsibilidade do futuro. Nesse sentido, os cursos que ensinam o português em universidades, ou cursos voluntários têm sido essenciais, pois promovem as ações de inclusão, acolhimento e acesso aos direitos. Desta maneira, nesses cursos, os professores criam vínculos com os(as) imigrantes, fortalecem suas identidades e dão voz a essas pessoas que, devido a fragilidade momentânea, são silenciadas.

No que diz respeito aos processos educativos, as haitianas(os) entrevistados(as) que tiveram acesso à educação formal no Brasil (como a inserção na universidade, em cursos de língua e/ou em escolas para concluir o ensino médio), elegem o Haiti como um país que se dedica ao ensino da teoria, enquanto o Brasil promove mais práticas. De acordo com Ayo, “lá no Haiti tudo que é aprendido tem que ser decorado. Aqui eu vi que é mais prático” (AYO, 2019). Outra avaliação positiva das haitianas na educação brasileira diz respeito a educação infantil. As três mulheres haitianas que foram entrevistadas possuem filhos matriculados em

escolas municipais e, quando perguntadas sobre as escolas de seus filhos, demonstraram aprovação do sistema de educação. Ao serem perguntadas sobre a preferência de pais para educação de seu filho, Ashia defendeu que prefere a educação brasileira. “Eu prefiro aqui porque lá no Haiti o governo não investe na educação, né? Não investe daí tem que pagar. Daí aqui é melhor” (ASHIA, 2019).

Como observado, um fato que chamou atenção dos imigrantes na educação brasileira é em relação ao ensino gratuito. Em contrapartida, de acordo com as narrativas, o sistema educacional haitiano apresenta uma desigualdade articulada, ou seja, é intencional que uma parcela da população tenha acesso a uma educação de qualidade, enquanto outra parcela receba uma educação inferiorizada. Nesse sentido, as escolas privadas surgem na tentativa de suprir a falta de comprometimento do Estado com a maior parte da população (PONGNON, 2017, p. 83). Porém, após a década de 1990, mesmo com reformas no ensino haitiano, os estudos ainda apontam para a exclusão de mulheres e separação de classes, na qual a elite recebe uma educação, enquanto as classes mais pobres e rurais podem nem ter acesso à escola no território haitiano.

Assim, a inclusão de imigrantes haitianos(as) em instituições de educação no Brasil tem gerado satisfação para esses imigrantes. Todavia, ainda é preciso um olhar atencioso para a inserção dos(as) imigrantes em escolas e universidades, uma vez que, nem sempre, ocorre acolhida. Nesse sentido, Moraes (2019) examina a realidade escolar de alunos(as) haitianos(as) matriculados(as) no ensino fundamental em uma escola brasileira e aponta para um fetichismo sobre o(a) aluno(a) haitiano(a) que é visto(a) como diferente, exótico(a). Todavia, outro dado relevante da pesquisa considera que os(as) alunos(as) haitianos(as) buscam romper com esta condição, desejando “ser apenas mais um estudante, como qualquer outro brasileiro” (MORAES, 2019, p. 83). Nesse sentido, a atuação do(a) professor(a) é fundamental para garantir o respeito e o aprendizado.

De acordo com Moraes (2019, p. 83), “o futebol, o brincar, a matemática” são as três categorias que mais aproximam os(as) alunos(as) haitianos(as) e brasileiros(as), por serem entendidas como uma “língua universal”. A autora concluiu que, a partir de práticas que promovam a pluralidade cultural e social, além do direito à diferença, a escola pode ser um ambiente importante no acolhimento de imigrantes haitianos no território brasileiro.

Acerca da inclusão na Educação Superior, Bizon e Dangió (2018), abordam as políticas de inclusão do Programa Pró-Haiti em uma universidade brasileira e o processo de inserção de haitianos(as) no ambiente universitário a partir de narrativas de uma haitiana e um haitiano sobre suas impressões sobre a vida acadêmica no programa Pró-Haiti. De acordo com os autores, mesmo que a universidade tenha trabalhado para construir um projeto acolhedor,

tal esforço não foi suficiente para que experiências de não pertencimento atravessassem fortemente a vida dos jovens ao longo de suas estadias na universidade, o que também é um indício de que acolhimento não se reduz a um elenco de ações pontuais, mas precisa ser visto como uma perspectiva (BIZON e DANGIÓ, 2018, p. 188).

Nota-se que o devido acolhimento de haitianos (as) em universidades brasileiras é um desafio a ser superado. Ainda que os setores da universidade tenham zelo pelo projeto de inclusão dessas pessoas, as narrativas apontam para o sentimento de não pertencimento, o que implica compreender que não há acolhimento.

Em termos gerais, defende-se que aos migrantes deve ser garantido o acesso à educação de qualidade. Para isso, a participação da comunidade escolar na inclusão de haitianos(as) nas instituições de ensino contribuem no processo de aprendizagem e adaptação à nova realidade educacional. Uma das principais figuras que pode acolher é o(a) professor(a).

O educador que considera a educação como formação integral do ser e não como um treinamento, tem que ser coerente com a maneira de falar com seus alunos: não de cima para baixo, impositivamente, como se fosse dono de uma verdade a ser transmitida para os outros, mas falar com escutá-los paciente e criticamente. (ARROYO, 2009, p. 55).

A relação professor-aluno precisa ser colaborativa, respeitosa e também composta por afeto. Um(a) professor(a) não pode considerar a aprendizagem efetiva de seu(sua) aluno(a) se não leva em conta o tempo necessário para que esse aluno aprenda, se não há uma comunicação colaborativa e se não há confiança. Cabe ao(a) professor(a) o [...] “cultivo da sensibilidade e paciência pedagógica para esperar os tempos do aprender”. (ARROYO, 2009, p. 29).

De acordo com Freire (1989), “a luta do educador é caminhar com o aluno no sentido de ajudá-lo a tornar-se efetivo, integrante e transformador, através de uma convivência participativa e questionadora” (FREIRE, 1989, p. 15). Demonstrar apoio é fundamental para a aprendizagem, e a formação de professores(as) precisa estar atenta as novas demandas e realidades, como é o caso dos novos fluxos migratórios.

Como considerações finais, aponta-se que durante o processo imigratório, a dificuldade com o novo idioma foi um dado presente na fala de todos(as) os(as) participantes da pesquisa. Um ponto de destaque foi a nova realidade comparada com a expectativa (que é compreendida como a motivação para migrar). Buscam qualidade de vida, mas devido às circunstâncias, passam a ter direitos violados no Brasil que, mesmo avaliado pelas participantes por ser receptivo, não dá suporte para todos(as) os(as) que estão migrando para o país. Com isso, percebe-se que criar políticas que garantam a permanência em território brasileiro não é suficiente perante a difícil realidade enfrentada por esses(as) imigrantes.

Também foram consideradas a comparação entre a educação do Haiti e Brasil, evidenciando que os(as) professores(as) de escolas e universidades no país de origem ofertam ensino mais rígido, enquanto nos espaços de formação do Brasil acolhem de forma mais afetiva. Sobre a qualidade do ensino, os(as) entrevistados(as) contam que consideram que, no Haiti, os(as) alunos(as) aprendem mais do que no Brasil, todavia, aquelas que possuem filhos(as) matriculados(as) em escolas brasileiras consideram preferível a formação no Brasil a do Haiti, principalmente devido ao ensino ser gratuito.

Defende-se que as narrativas dos(as) imigrantes podem contribuir para a formação de professores(as) e com os processos de inclusão ao promover um olhar mais sensível e cuidadoso para garantir a devida inclusão escolar e social.

PALAVRAS-CHAVE: Migração haitiana. Formação de professores. Processos Educativos. Inclusão.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel, G. **Imagens quebradas:** Trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BIZON, Ana Cecília Cossi; DANGIÓ, Gabriel Vinícius. Vozes do programa emergencial Pró-Haiti: narrativas de racialização do “ser haitiano”. In: **Revista X**, [S.l.], v. 13, n. 1, p.

168-191, out. 2018. ISSN 1980-0614. Disponível em:
<<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/61201>>. Acesso em: 04 fev. 2020.
doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v13i1.61201>.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 16ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRASIL. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. **Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, ago. 1980.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. **Institui a Lei de Migração**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, mai 2017.

CHIZZOTI, Antonio, **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação [en línea] 2003, 16 [Fecha de consulta: 22 de junio de 2019] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>> ISSN 0871-9187

FREIRE, Paulo. **Educadores de rua: uma abordagem crítica**. Alternativas de entendimento aos meninos de rua. Bogotá, Colombia: Gente Nueva, 1989.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2ª Ed., 2010.

MORAES, Helenara Sironi de. **“Há em ti”**: um olhar da psicanálise para o professor e o estudante haitiano no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. 102 p. 2019.

PELLIZARI, Kelly; ROQUE-FARIA, Helenice Joviano. A língua portuguesa como instrumento de acesso ao mercado de trabalho: Imigrantes no norte de Mato Grosso. **Revista Expectativa**, v. 16, n. 2, p. 167-189, dez. 2017. ISSN 1982-3029. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/18410>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PONGNON, Vogly Nahum. **Immigration haïtienne, formation professionnelle et projets de vie**: Stratégies de mobilités sociales des Haïtiens et Capverdiens dans le contexte Brésilien. Tese (Doutorado em Ciências sociais). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília. Brasília. 357 p. 2017.

SILVA, Filipe Rezende; FERNANDES, Duval. Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 13, n. 18, p. 50-64, dez. 2017. ISSN 2359-0017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/16249>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

SILVA, Cinthia Xavier da. **Imigração haitiana**: um estudo sobre o estabelecer do imigrante na cidade no contexto histórico e social de globalização. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. São Paulo. 367 p. 2019.